

Artesanato uma Riqueza a Preservar

"Vamos a ser nós mesmos, vamos a ver por nós, a tirar de nós, a copiar de nossa natureza e deixemos em paz Gregos, Romanos e toda a outra gente." (1)

Todas as comunidades possuem raízes, testemunhos do passado que lhes conferem no presente genuidade e autenticidade permitindo-lhes, assim, afirmarem-se como Portugueses, Espanhóis, Ingleses, Gregos ou Romanos...

O povo português é um povo cheio de tradições, de valores culturais que diferem de região para região de acordo com as exigências do quotidiano, com os modos de vida, uma vez que as formas culturais não são mais do que representações sensíveis de estilos de viver, relações sociais e estruturas económicas.

As tradições populares, as raízes, a identidade cultural estão a ser afectados, alteradas ou mesmo destruídas por novas formas de vida, pelas transformações económicas e sociais introduzidas pela era industrial.

A noção de aldeia como comunidade autónoma, quase auto-suficiente no que respeita à produção de matérias-primas, equipamentos, objectos e alimentos, praticamente já não existe. Nas cidades e vilas assiste-se, de forma generalizada, à invasão do betão, do asfalto, do alumínio anodizado, dos mass média normalizadores e ao avanço de um progresso assente no lucro e na dependência tecnológica.

"Vamo-nos alimentando, não a partir das raízes e da seiva que nos fez povo, mas de uma dieta cultural de subprodutos enlatados (quando chegamos às aldeias, às vilas, às cidades e perguntamos por aquela usança, aquele artesão, aquela paisagem (...)) a resposta é, em muitas delas: acabaram, morreram, isso já



exposição

ARTESANATO DE FIGUEIRÓ

ninguém faz, ninguém sabe, não há, foram-se embora...)" (2)

Toda uma riqueza cultural se perde, assim, com o desaparecimento dos velhos artesãos, com a substituição das tradições artesanais por novos ofícios mais lucrativos e alijantes, com o êxodo rural e a emigração. Para solucionar este problema concorreria, em grande medida, a criação de escolas de artesanato a nível regional, onde as artes que ainda subsistem poderiam ser ensinadas e legadas às novas gerações que assegurariam, assim, a sua sobrevivência.

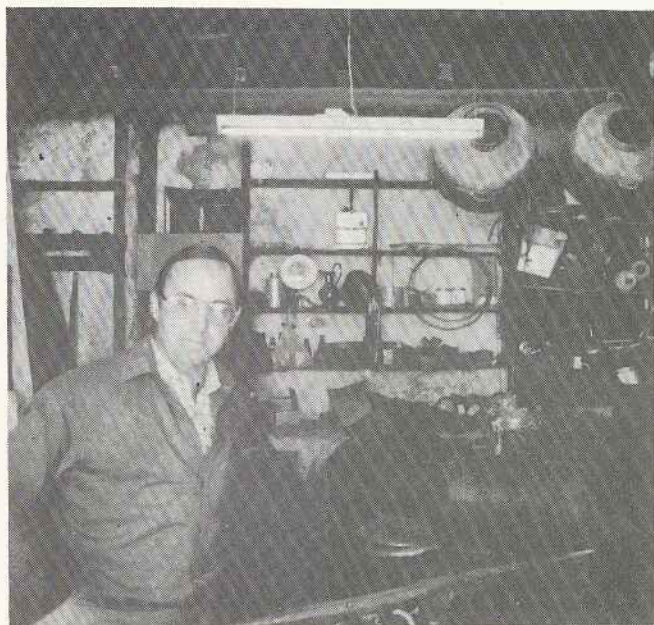
A inventariação e divulgação das tradições artesanais das regiões, nas regiões, é um passo prioritário uma vez que, muitas das vezes, as populações não têm conhecimento do artesanato produzido na sua terra.

É, pois, no sentido de dar a conhecer aos Figueiroenses os valores artesanais que ainda existem no seu concelho, que se realiza a presente exposição "Artesanato Figueiroense" onde se podem observar trabalhos de tecelagem, cestaria, latoaria e tanoaria, entre outros.

(1) Almeida Garret in "Introdução ao Romanceiro" — 1828

(2) Hélder Pacheco in "Artes e tradições de Vila Real" — 1983

CONHECER os nossos artesãos



Percorrendo o Concelho de Figueiró, indo de lugar em lugar, ainda se encontram aqui e ali, alguns vestígios das suas tradições artesanais, nuns casos, vivas, noutros quase só recordações ou memórias.

Da velha tradição da manta de trapos, das colchas de algodão e linho, dos tapetes e das passadeiras, apenas resta um artifice nas Fragas de S. Simão, o Senhor Mário Ferreira Alves que, devido à sua habilidade e espírito inventivo mantém operacional o velho tear manual que, segundo ele, já conta mais de meio século.

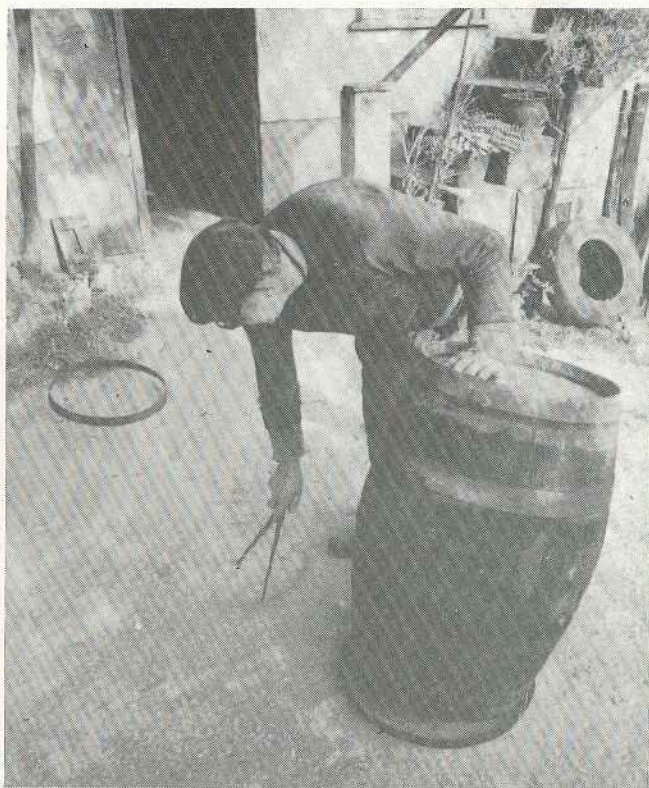
Após muitos anos dedicados à manutenção da fábrica de tecelagem das Fragas, onde era Mestre, reforma-se mas, como ele diz "... Não era capaz de estar parado..." um dia, a minha mulher manda fazer umas mantas no Avelar... mas ficou desacorçoada com as mantas, não eram à vontade dela... eu disse-lhe: — espera lá que eu vou pôr aqui um tear a trabalhar e vou tecer o resto das mantas... vou ali ao Chávelho buscar um tear que lá há..."

"... Comprei só estas peças ao alto, mais nada, e venho para aqui, ponho-lhe a maquineta, faço aquilo tudo e teço as mantas... O tear deve ser dos primeiros deste modelo... Estas peças não eram aqui precisas mas, isto está tão podre... parte-se-me tudo... está tudo reforçado mas tudo me diz para deixar o antigo até que dê!..."

Tendo começado por tecer mantas para as imediações, a qualidade dos seus trabalhos, a escassez de artifices e a localização da oficina — "... Agora passa aqui muita gente..." —, fizeram com que estes se espalhassem por Portugal inteiro — "... eu tenho feito para o Porto, para a Figueira da Foz, para Lisboa, para todo o lado..."

Inquirido sobre o preço das mantas, afirma: "Olhe, eu estou a levar às mulherzitas... eu dou o algodão e o trabalho e elas dão os retalhos e estou a levar a 700\$00, mas tenho outras a 800\$00 e a 850, que são as tais alcochoadas, com desenhos..." Referindo-se às de linho "... e elas querem com algodão a urdir e a tapar com linho e eu então dou o algodão e levo 500\$00 por cada metro..."

O linho utilizado no fabrico destas mantas provém,



predominantemente da zona da Sertã, onde ainda se cultiva em abundância e é preparado segundo os métodos artesanais.

No nosso concelho esta tradição já se perdeu. Na zona da Aguda, onde outrora se produzia, apenas restam alguns dos instrumentos utilizados na sua preparação e o testemunho de quem fez ou viu fazer este trabalho...

"... Aquilo dá muito trabalho, muito trabalho... Eu nunca fiz mas vi a minha mãezinha fazer muitas vezes... Punha a roca na cinta e ia com o gado. Aproveitava todo o tempo, lá fiando, fiando e ia andando, andando... as meadas do linho eram lavadas antes do S. João. Na noite de S. João punham-se a corar, ficavam tão branquinhas, tão branquinhas..."

Deambulando pelas ruas de Figueiró deparamo-nos, numa viela, com uma oficina de latoeiro. Estabelecimento que já existe há mais de quarenta anos, pertence actualmente ao senhor João Paiva que aprendeu o ofício com o avô e o pai com quem trabalhou desde os treze anos. A latoaria é pois, uma profissão de família mas, de então para cá muita coisa mudou...

A evolução técnica dos últimos anos, traduziu-se numa melhoria generalizada das condições de vida, pela sua aplicação às tarefas do quotidiano, provocando profundas alterações a nível económico e social. Razão porque os trabalhos de latoaria cada vez têm menos procura — "... Presentemente trabalho sózinho, dedico-me mais ao cobre... latoaria pouco faço... aquele serviço de latoeiro está em extinção... até porque, latoaria o que é que se usa agora? Parte dos artigos enferrujam e, como tal, vão mais para o alumínio... Antigamente, no tempo do meu avô, levávamos o carro cheio para as feiras e não trazíamos nada... almotolias, regadores, baldes, ogadouros, bacias, tudo para a lavoura... Hoje, faço mais trabalho de caldeireiro... dedico-me mais à montagem de alambiques... mas, se aparece um cliente para fazer um artigo qualquer que não se encontra no mercado, pois faço..."

Pessoa que se sente realizada no trabalho que executa,



uma vez que a montagem de alambiques e uma tarefa que muito aprecia e de certo modo compensatoria devido à sua elevada procura na época das vindimas, é obrigado, no entanto, a exercer outra actividade para sobreviver. Para além da oficina, dedica-se também ao comércio indo de feira em feira, de mercado em mercado com a sua tenda de artigos de latoaria, cutelaria, etc.. Tal como ele diz: "... Se vivesse só da latoaria morria de fome. Não compensa... para viver disto sem fazer feira e então aqui, em Figueiró! Mas há outras regiões que vivem e vivem bem, também porque maquinizaram mais..."

Tomando a estrada que conduz a Castanheira de Pera, não muito longe da vila, ali, no Casal de Santarém, encontramos a casa do Senhor Manuel Maria da Conceição, artifice septuagenário que dedicou uma vida inteira a tanoaria. Único na sua profissão, em Figueiró, foi sempre muito procurado para fazer ou reparar pipos, dos mais variados tamanhos e formas. Executava os trabalhos em sua casa ou então deslocava-se à residência dos clientes que lhe forneciam o material necessário — "... As pessoas davam a madeira... mesmo o que é feito em casa, trazem materiais e eu faço..."

Devido à sua avançada idade, hoje em dia já não pode dar resposta às solicitações de que é alvo só satisfazendo as encomendas de pipos pequenos. — "... O preço dos pipos depende do tempo. Um leva cinco dias, outros só dois, conforme o tamanho... um pipo de dez almudes por exemplo, vai ficar em 5 contos... dois ou três dias, conforme a coisa correr..."

E assim vai desaparecendo outra arte do nosso concelho, que ainda é actual e necessária. É o próprio Senhor Manuel que o afirma: "... em Figueiró já não há. Só Almofala, Pontão e as fábricas... isto é feito à mão, lá não..."

Porque o espaço é curto, e não há possibilidade de fazer referência a todos quantos contactámos e atenciosamente ofereceram a sua colaboração, fica aqui, apenas o registo de alguns dos que ainda mantêm vivas algumas tradições... a todos, o nosso muito obrigado.

visita às caldas

O Programa de visitas culturais proposto pelo Centro aos sócios foi aberto com uma viagem ao Museu Malhoa na cidade das Caldas da Rainha. Inicialmente previsto para um grupo restrito de vinte pessoas a viagem suscitou tamanho entusiasmo que teve de ser alargada para o dobro de participantes.

Sendo o Museu Malhoa o ponto principal da deslocação a Cidade das Caldas da Rainha não é de estranhar portanto que os nossos associados se demorassem várias horas a percorrer as salas sempre atentos às palavras vivas da Dr.^ª Matilde do Couto, Conservadora deste Museu.

Ai, vibrou-se com a pintura de Malhoa e como não podia deixar de ser com os personagens e paisagens de Figueiró.

O Museu de Cerâmica foi a segunda etapa desta visita que trouxe o encanto da louça e dos barristas nacionais... momentos de beleza e tranquilidade conduzidos pela Dr.^ª Nicole Ballu Loureiro, Directora do Museu.

Terminaria esta viagem com uma visita a Óbidos num deambular pelas ruas e vielas de uma localidade que soube preservar e valorizar o património edificado e cultural. O resultado de tão exemplar trabalho está à vista... um extraordinário movimento turístico, uma intensa actividade cultural e o bem estar das populações... e Figueiró?

Todo o trabalho a desenvolver depende da vontade dos Figueiroenses.



Boletim Informativo do Centro Cultural de Figueiró dos Vinhos.

Casulo, Av. José Malhoa Apartado 29 3260 Fig. Vinhos

Impressão:

Oficinas Ribeira de Pera Lda. Tiragem 1.500 ex.

sta. antónio

Na noite de St.^º António o S. Pedro não quis colaborar e resolveu abrir o reservatório das lágrimas celestiais. Quando já estava tudo pronto para a festa e o carvão bem quentinho, veio a chuva e, sem pedir licença a ninguém, molhou tudo e todos.

No entanto, depois de St.^º António muito rogar ao porteiro do céu, este concedeu duas horas mais enxutas. Nesse curto espaço de tempo o terreiro encheu-se de gente alegre e buliçosa e a festa começou... Estalaram os foguetes, comeu-se sardinha e broa, provou-se o caldo verde, bebeu-se o vinho e compraram-se rifas e mangericos.

À música e a boa disposição não faltaram, sendo de realçar a excelente actuação dos músicos que animadamente tocaram várias composições populares do agrado de todos, não esquecendo a participação da jovem acordeonista de 9 anos, Verónica Gonçalves.

Estivesse a noite digna de St.^º António que o Arraial duraria até ao raiar do dia...

figueiró passado presente

Comemorando o aniversário natalício de Malhoa, o Centro Cultural reabriu as suas portas com a inauguração da exposição "FIGUEIRO PASSADO E PRESENTE" que contou com a presença de associados e entidades convidadas.

Dos mais de mil visitantes que afluíram à Galeria de Exposições agora remodelada, muitos deixaram-nos a sua mensagem das quais registamos apenas duas:

"Estamos em presença do que poderá ser a mini Gulbenkian de Figueiró dos Vinhos. Parabéns ao Centro Cultural."

João Poças Santos (Deputado)

"Parabéns pela belíssima exposição... tenhamos muita esperança que dê os seus frutos..."

Elisabeth Évora Nunes (Arq.^ª Direcção Geral Ordenamento do Território)

Coluna do Presidente

concelho piloto no mundo rural



O mundo rural encontra-se por toda a parte em profunda transformação. Ele é afectado por problemas de desenvolvimento e de qualidade de vida que afectam particularmente os jovens, levando-os a procurar melhores condições de vida.

Pela importância de que se revestem estas transformações, o Conselho da Europa resolveu lançar uma Campanha, com o objectivo de promover um desenvolvimento coordenado das áreas rurais da Europa, assegurando a defesa dos seus valores e património para benefício das gerações futuras.

Atento a esta realidade, o Centro Cultural contactou a Organização da Campanha, através do seu Vice-Presidente, Eng. José Correia da Cunha, que se mostrou extremamente receptivo com as potencialidades naturais do nosso concelho. Em breve este membro da Organização visitará o nosso concelho, que se poderá tornar a título experimental um concelho-piloto no mundo rural.

De referir ainda que o Centro Cultural esteve oficialmente representado no lançamento da Campanha, em Lisboa no passado dia 12 de Junho, a convite da Organização.